

**QUANDO O TEATRO FALA SOBRE A MORTE:
UM ESTUDO DE CASO EM ANTÍGONA DE SÓFOCLES**

**WHEN THE THEATER TALKS ABOUT DEATH:
A CASE STUDY IN SOPHOCLES' ANTIGONE**

Cesar Augusto Neves Souza¹

Universidade Federal do Tocantins

Odi Alexander Rocha da Silva²

Universidade Estadual do Tocantins

Resumo: Este trabalho pretende analisar os significados dos rituais fúnebres que envolvem a personagem Antígona na tragédia escrita por Sófocles, e o dilema de Antígona em obedecer às tradições ou a lei do governante sobre o sepultamento de seu irmão Polinices. Para os gregos antigos o mundo era governado por uma ordem natural regidos pelos deuses. Então, qualquer infração a esta ordem acarretará a quebra da harmonia. As tragédias gregas procuravam representar estes dilemas entre aquilo que era estabelecidos pelos deuses e as decisões humanas. Serão consideradas as relações que os antigos gregos tinham para com a morte, como os rituais necessários, a fim de, garantir paz a alma do morto, como os condenados que eram proibidos de terem seus corpos velados. Para tanto, traçaremos um breve histórico sobre as origens das tragédias bem como das tradições da Grécia antiga. Também, daremos um enfoque especial para o lugar que o teatro ocupava entre os antigos gregos em diferentes épocas. Os aportes teóricos deste trabalho serão o historiador Fustel de Coulanges e o tragediógrafo grego Sófocles.
Palavras-Chave: Morte; Tragédia; Teatro.

Abstract: This work aims to analyze the meanings of the funeral rituals that involve the character Antigone in the tragedy written by Sophocles, and Antigone's dilemma in obeying the traditions or the law of the ruler about the burial of his brother Polinices. For the ancient Greeks the world was governed by a natural order ruled by the gods. Therefore, any violation of this order will cause the harmony to break. Greek tragedies sought to represent these dilemmas between what was established by the gods and human decisions. The relations that the ancient Greeks had with death will be considered, as the necessary rituals, in order to guarantee peace to the dead soul, as the condemned who were forbidden to have their bodies veiled. To do so, we will trace a brief history on the origins of the tragedies as well as the traditions of ancient Greece. Also, we will give a special focus to the place that the theater occupied among the

¹Graduado em História e Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Tocantins. Email: cesarneveshst@gmail.com.

² Atuou como docente na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2017). Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2012). Possui especialização em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008). Possui graduação em Letras - Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005). Email: o_alexander_r@hotmail.com.

ancient Greeks at different times. The theoretical contributions of this work will be the historian Fustel de Coulanges and the Greek tragediographer Sófocles.

Keywords: Death; Tragedy; Theater.

Submetido em 28 de julho de 2020.

Aprovado em 12 de janeiro de 2021.

Introdução

Em algum momento da antiguidade grega, mais precisamente por volta do século VI A.C, surge um ritual em louvor ao deus Dioniso. O ritual consistia em homens e mulheres em procissão cantando o ditirambo. O ditirambo era composto por uma espécie de canto (em grego *oidós*) coral. É a partir deste coro em honra ao deus Dioniso que mais tarde surge a tragédia representada nos teatros gregos. Estas apresentações ganham o nome de *tragédia* devido a Dioniso ser simbolizado por um animal, o bode (em grego, *tragos*). A etimologia da palavra, portanto mostra que a tragédia é, um canto ao bode ou, melhor dito, um canto em louvor ao deus Dioniso. Tal fato caracteriza a tragédia, desde os seus primeiros momentos, como uma manifestação artística comprometida com a religião tal como se pode dizer de grande parte das criações legadas pela literatura grega.

Dentre alguns escritores de tragédias, também conhecidos como tragediógrafos, destacamos Sófocles e sua peça a *Antígona*. Sófocles nasceu na época do governo de Péricles em Colono cidade próxima a Atenas. A data de seu nascimento é um pouco incerta, podendo ser entre 467 a 465 A. C. Nesta peça, um dos temas interessantes pertinentes à cultura grega, sendo comum também a outras civilizações antigas, é a importância dada aos ritos fúnebres.

O historiador Fustel de Coulanges (1961) relata que tanto a cultura romana como a grega descendem de uma religião primitiva. É que foi a partir desta religião que se estabeleceu os laços de parentesco, a autoridade paterna, a concepção de família e o direito de propriedade, o que se consolidou, mais tarde, com o surgimento da *pólis*. Observe que não são as instituições que dão origem ao estado grego, mas ao contrário, é a religião que influencia a formação do estado. É a partir da religião, portanto, que se origina a política, as regras, os costumes, as magistraturas e todos os hábitos da civilização grega. A origem destas crenças são anteriores a Homero e a Rômulo.

Dentre tantas tradições, destacamos os rituais fúnebres, o modo de como estas duas civilizações tratavam seus mortos, e suas crenças na vida após a morte.

Para entender melhor as origens destas tradições, e o funcionamento da sociedade em torno destas tradições, traçaremos uma abordagem histórica baseado no livro *A Cidade Antiga* de Fustel de Coulanges. Além do trabalho do referido autor, este estudo conta com abordagens de bibliografia variada direta ou indiretamente relacionada ao assunto.

1. O teatro como expressão da vida na antiguidade grega

Na Grécia do tempo de Sófocles o teatro se torna um produto cultural das massas, diferente das festas ritualísticas em homenagem ao deus Dionísio e do teatro apenas para as classes mais abastadas. Era comum o Estado oferecer concursos e premiações para poetas escreverem suas poesias trágicas³, como então eram chamadas as peças trágicas, as quais eram encenadas por um elenco de atores por ocasião de cada concurso. E foi neste clima de competitividade que fez com que muitos poetas aprimorassem suas técnicas e seus talentos artísticos.

Sófocles viveu na época de ouro de Atenas, também conhecida como século de Péricles.⁴ (444 a.C. - 429 a.C.). Neste período a Grécia assistiu ao crescimento do Estado de Atenas e ao fortalecimento da democracia bem como construções de obras públicas, muros ao redor da cidade, o desenvolvimento da filosofia e um novo conceito de democracia. (JAEGER, 1995, p. 322).

Para o homem grego, o valor de uma obra como as tragédias não era o seu ineditismo, mas, a profundidade e a originalidade de como uma história era contada através da ação dramática. É o que nos ensina Aristóteles quando diz que: De tal sorte, numa distinção, Sófocles seria o mesmo mimetizador⁵ que Homero, pois ambos mimetizam caracteres nobres. Em outra distinção, seria o mesmo mimetizador que Aristófanes, pois ambos mimetizam agentes e atuantes. (POÉTICA, 1448b, 26-28).

³ Para diferenciar das poesias cômicas (comédias), peças teatrais de caráter humorístico, as quais também estavam em voga no período.

⁴ Péricles em grego Περικλῆς, significa: "cercado por glória"

⁵ Para Aristóteles, a poesia (e de modo geral a criação artística) é mimese, palavra grega que significa "Imitação". O conceito grego de imitação não é o mesmo de nossos dias. Para Aristóteles, imitar significa representar a realidade com base na verossimilhança, isto é, representar de acordo com o que acontece ou poderia acontecer na realidade. Para mais detalhes ver livro VI da Poética.

A originalidade da tragédia, portanto, estava na ação, isto é, no modo como o enredo era abordado haja vista que os mitos contados por Sófocles também foram contados por outros poetas sobretudo porque os mitos eram parte do patrimônio folclórico daquela civilização⁶. Para os estudiosos das tragédias gregas Sófocles representa o apogeu do drama grego, também conhecido como a era clássica. E na antiguidade era considerado o mais perfeito de todos os poetas trágicos.

Na Grécia antiga acreditava-se que o universo e o mundo fossem governados por uma ordem natural. Ou seja, existem leis atribuídas aos deuses e que, por essa razão, são naturais e que governam o universo. O problema acontece quando os homens ferem uma ordem divina dando origem, assim, a muitas discussões abordadas nas tragédias. Além disso, a natureza destas tragédias encontra-se inserida dentro das cosmovisões de mundo que perpassa a visão grega de existência e religiosidade. Podemos ver que tanto Ésquilo quanto Sófocles são herdeiros de uma tradição, a qual é maior do que eles, e da qual eles retiram a “matéria-prima” para suas criações. Não se trata de afirmar que os dois poetas trágicos sejam governados por mitos, e sim que são de fato criadores, pelo qual, promovem releituras da tradição de acordo com as condições sociais, políticas e filosóficas de seu tempo.

Todavia, na poética de Sófocles trata-se de um homem idealizado, aonde o sucessor de Ésquilo retrata em suas tragédias a condição humana. A arte de Sófocles se inspira no ideal de conduta humana. E como suas tragédias são procedentes de um tempo de prosperidade grega, ele encarna o espírito da nobreza aristocrática ateniense. Outro elemento fundamental para lançar luz a este contexto é o aparecimento tanto da filosofia quanto dos sofistas. Fazia parte das discussões promovidas pelos sofistas as questões ideais do homem. São sobre estes pilares que se fundamentam os valores abordados por Sófocles. Há uma espécie de antropocentrismo no drama elaborado por Sófocles. Jaeger vai chamar de um surgimento de uma nova ‘arete’.⁷ (JEAGER, 1995, p. 356)

Esta nova reestruturação abrange até mesmo o entendimento que se tinha sobre o cosmo e a psiquê. Aqui, a alma torna-se o centro do homem, daí, nasce a harmonia que

⁶ Cf. Poética, 1453b, 22-26): “Certamente que não é possível desfazer os mitos tradicionais, (...), mas ele [o poeta] deve inventar e se utilizar belamente dos legados pela tradição”.

⁷ O significado da palavra: arete, passa por algumas transformações semânticas ao longo da história grega. Primeiro, no início das tragédias, vai significar virtude e conhecimento. Depois, no período homérico, vai significar: bravura, coragem e respeito ao pensamento mítico.

se torna o princípio do cosmo. Antes disso, fazia-se pouca relação entre o cosmo com a alma humana. Este princípio se consolidou com Platão.

É nesta conjuntura social que se descobre a mulher como coparticipante das mesmas dignidades do homem, como está representado nas figuras femininas de Sófocles. Entre elas pomos em relevo a personagem Antígona, a qual tem como um dos principais destaques uma discussão acerca do que era considerado como o último gesto de dignidade para com um ser humano: o dever de lhe dar sepultura. O entendimento adequado desse dever passa, primeiramente, pela compreensão do significado da morte.

2. A Grécia antiga e a morte

Tanto os romanos como os gregos acreditavam que a morte seria uma simples mudança de vida. Eles não entendiam a morte como um estado de dissolução do ser. Não acreditavam numa morada celestial para os mortos. Esta morada celestial reservava-se apenas a alguns grandes homens, por conta de seus destacados feitos.

Um belo exemplo é o guerreiro Aquiles, que se eterniza no panteão grego como herói. Na Odisseia, temos o momento em que Odisseu, durante os muitos episódios que acontecem no retorno da guerra de Tróia rumo a Ítaca, sua terra natal, temos a ida de Odisseu ao reino de Hades. Chegando lá, dentre tantos indivíduos que encontra, conversa com a alma de Aquiles. O teor da conversa, sobretudo, as palavras de Aquiles ditas no contexto misterioso do “pós vida” são bastante reveladoras do pensamento dos gregos a respeito do destino da alma após a morte.

Ora, Odisseu solerte, não venhas consolar-me da morte,/ pois preferira viver empregado em trabalhos de campo/ sob um senhor sem recursos ou mesmo de poucos haveres/ a dominar deste modo nos mortos aqui consumidos./ É preferível dar-me notícias do meu filho ilustre./ Sempre nos prêmios avança ele à frente, ou atrás ele fica? (...) A alma então do veloz neto de Éaco a grande passo se foi pelos campos macios (...)/ As outras almas, porém, das pessoas que a morte colhera, permaneceram tristonhas, contando seu próprio infortúnio (ODISSEIA 488-542).

O capítulo XI da Odisseia constitui o relato de Odisseu sobre sua visita ao mundo dos mortos. Este relato nos fornece uma noção do que durante muito tempo foi a crença grega no que diz respeito à morte. De fato, para os antigos gregos, a alma

coabitava junto ao corpo sob a sepultura⁸. Coulanges escreve: “A primeira opinião destas gerações antigas foi que a criatura humana vivia na sepultura, que a alma não se separava do corpo, e que permanecia unida à parte do solo onde os ossos estavam enterrados” (COULANGES, 1961, p. 23). É o que se depreende da fala de Aquiles, quando menciona que preferiria estar no mais humilde dos trabalhos a estar ali no Hades. Disso se depreende, com efeito, que a alma coabitava com o corpo, segundo a crença grega, sendo esta alma uma espécie de duplo do corpo, o qual dele se libertava no momento da morte e, então, passava a viver individualmente.

Por ocasião do final do ritual fúnebre, era costume evocar a alma do morto desejando-lhes vida feliz sob a terra. Os parentes cavavam um buraco ao lado do túmulo e deixavam comida e iguarias; também despejavam vinho ao solo com a finalidade de satisfazer-lhes a fome e a sede. Era também um costume durante os rituais a degolação de cavalos, a morte de algum escravo, a fim de, que estes servissem a alma do morto no mundo subterrâneo.

Partindo da compreensão deste ritual, o homem grego de então entendia que se o corpo do morto não possuísse sepultura, logo, não possuiria morada. E não tendo morada, a alma do morto estaria condenada a ficar errante sob a forma de um fantasma a atormentar os viventes. Esta possibilidade de não ter uma sepultura e não receber os devidos rituais fúnebres, angustiava o espírito do homem grego. Nestas palavras de Coulanges temos que: “Nas cidades antigas a lei punia os grandes criminosos com um castigo considerado terrível, a privação da sepultura. Punia-se desse modo a própria alma, condenando-a a suplício quase eterno.” (COULANGES, 1961, p. 23) A tradição grega sobre a morte era tão sagrada ao ponto de criminosos serem condenados com a proibição de uma sepultura.

Para compreendermos melhor esta particularidade da cultura grega, é preciso irmos um pouco mais dentro da questão, ao ponto de entendermos o significado da relação que o indivíduo alimentava para com sua pátria e com sua cidade. A palavra *pátria* significava terra dos pais. Lugar que era santificado pela sua religião. Para os antigos gregos, pátria era o espaço que estava o túmulo de seus pais. O amor à pátria era a virtude suprema. Tal sentimento estava além de ser apenas um amor à Cidade. Posto que, acreditava-se que religião e seus deuses habitavam na cidade, e que sua terra era

⁸ Segundo Fustel de Coulanges apenas mais tarde na mitologia grega passou-se a ter a concepção de uma morada ou de um mundo dos mortos sob o governo de Hades. Para confirmar esta informação, ver A Cidade Antiga página 23.

santa. Dentro da cidade o homem encontrava sua fé, sua religião e seu deus. Tinha seus direitos civis e políticos garantidos. Pois até mesmo o direito de ser cidadão emanava da religião. Fora da pátria, o homem não possuía dignidade, estaria longe de seus deuses, não podendo servi-lhes, fazer parte de seus ritos, não poderia tomar parte de nada que fosse concernente à religião de sua Cidade. Como nesta citação de Fustel de Coulanges:

A pátria conserva o homem ligado a um vínculo santo. Deve amá-la como se ama a uma religião, obedecer-lhe como se obedece a um deus. É necessário que se dê a ela inteiramente, entregando-lhe tudo, dedicando-lhe tudo. (COULANGES, 1961, p.310-311)

A pátria tinha um valor precioso, bandidos eram punidos com o exílio. Ser exilado significa estar fora da religião, fora dos cultos, sem proteção, sem direitos, desprotegidos espiritualmente. Até mesmo era privado da companhia dos filhos e de sua esposa. Uma vez exilado era considerado um errante, um estrangeiro. Impuro era também aquele que oferecesse abrigo e comida. Nestas palavras:

O exilado deixando a Pátria, deixava também seus deuses. Não via em nenhum lugar uma religião que pudesse consolar e proteger; não sentia mais a providência velando por ele; a felicidade de rezar lhe era negada. (COULANGES, 1961, p. 313)

As necessidades de seu espírito estavam longe dele. Deste modo, uma vez morto, não poderia fazer parte dos ritos consagrados pela sua religião. Neste sentido, temos que, para a concepção de vida desta época, o ser humano, uma vez afastado de sua terra era como se estivesse apartado de sua própria espiritualidade. Daí a condição gravosa e sobretudo entristecedora que o exílio representava.

3. A Antígona e os ritos fúnebres

Antígona pertence a um conjunto de três peças teatrais conhecidas como Ciclo Tebano. Tais peças são, precisamente, *Édipo Rei*, *Édipo em Colono* e *Antígona*, sendo esta a ordem cronológica de suas histórias. O enredo de tais peças orbita em torno de Édipo e seus descendentes. Antes de passarmos ao estudo de caso de Antígona, cumpre recuperar os acontecimentos anteriores a esta peça a fim de que seu contexto fique claro.

Quando Édipo, Rei de Tebas, soube da maldição que repousara sobre sua família, na qual assassinou o próprio pai e casou com a sua própria mãe, Jocasta, furou

então seus os olhos e partiu para Atenas. Deixando para trás seus três filhos, a saber: Etéocles, Polinices e Ismênia. Já a outra filha, a Antígona, acompanha Édipo, guiando-o, visto que ele então já se encontra cego e idoso. Todavia, em Tebas o trono seria dividido entre os dois filhos que deveriam reinar de forma alternada. Etéocles foi o primeiro a ocupar o trono. No entanto, findo o prazo de seu governo, Etéocles negou passar o trono a seu irmão Polinices, o qual por sua vez, casado com a filha de Adrasto Rei de Argos, arregimentou sete exércitos⁹ e marchou contra seu irmão. A guerra entre irmãos teve um fim trágico, culminando com a sobrevivência somente do Rei Adastro e a morte dos dois irmãos, um morto pela mão do outro¹⁰.

Com o trono vazio o Irmão de Jocasta, Creonte, assume o trono. E tomando a forma de um tirano, ele sanciona uma lei, na qual, aqueles que morreram lutando contra a pólis, não teriam o direito de ter seu corpo sepultado de acordo com a tradição. O resultado desta lei foi que o corpo de Etéocles recebera todas as honras fúnebres; já sobre o corpo de Polinices, que morreu lutando contra a pólis, recaiu a proibição de ter o corpo sepultado em conformidade com os rituais próprios. Aqui então, temos a pedra fundamental da tragédia Antígona, na qual, a personagem cujo nome intitula a peça, irá solicitar a permissão do Rei Creonte para sepultar seu irmão Polinices.

Ao longo do enredo, nos deparamos com o fato de que Creonte recusa a solicitação de Antígona em sepultar Polinices, de acordo com as tradições da época, uma vez que este lutou contra a cidade de Tebas¹¹. Temos, aqui, um conflito entre a tradição (leis religiosas) e a lei do governante. Neste contexto, a morte é usada como instrumento para um debate ético: cumprir ou não cumprir a tradição? Esta pergunta leva a uma outra, ainda mais fundamental para a época: o governante pode ter o direito de formular leis que passem por cima da tradição?

Em um diálogo bastante revelador com sua irmã Ismênia, Antígona diz:

Pois Creonte não ofereceu a um de nossos irmãos rituais fúnebres, enquanto desonrava o outro? Etéocles de acordo com a lei e os costumes, foi ocultado sob a terra, como manda o uso, e coberto de honras será recebido pelos mortos. O desgraçado cadáver de Polinices, no entanto, não receberá os ritos fúnebres e nem será chorado, pois uma proclamação proíbe o povo de enterrá-lo. Lá ficará insepulto, ignorado, um doce tesouro para as aves, que nele saciarão sua fome. São essas as

⁹ Segundo alguns estudos a cidade de Tebas era murada e possuía sete portões. Segundo o mito as muralhas foram construídas por dois filhos de Zeus, os gêmeos Anfião e Zetos.

¹⁰ Esse fato encontra-se narrado na peça trágica *Os Sete contra Tebas*, de Ésquilo. Os primeiros momentos de Antígona trazem um breve recordatório deste evento.

¹¹ Tebas: importante cidade-estado da Grécia antiga. Também conhecida como Cadmeia por conta de Cadmo filho de Agenor e Agríope Foi aliada a Esparta durante a guerra do Peloponeso.

ordens que a bondade de Creonte impõe a mim e a ti. E sei que ele virá até aqui, para informar a todos que ainda não sabem. E aos que ousarem desobedecer suas ordens, ameaça com o apedrejamento público na pólis. O que resta é escolher entre honrar a nobreza de nossa origem ou agir indignamente. (ANTÍGONA v. 25 – 35)

A Antígona se incomoda com o Rei Creonte pelo fato não permitir que desse ao corpo de seu irmão Polinices o devido sepultamento. Desta forma, o decreto estabelecido pelo Rei de Tebas, o coloca acima das tradições. Ao fazê-lo, Creonte fere uma ordem sagrada. Vale lembrar que a religião e a tradição são os fundamentos do espírito grego. Entretanto, o outro irmão, Etéocles por defender o Estado, mesmo tendo infligido um acordo familiar de passar o trono ao seu irmão, recebe, portanto, todas as honras devidas ao seu funeral. Esta supremacia do Estado se confirma na penalidade de apedrejamento àqueles que ousarem descumprir as ordens do rei Creonte.

As tragédias como gênero literário inauguram um novo tipo de espetáculo. Ela, por sua vez, traduz a experiência humana, pelo qual, a sua verdadeira matéria é o pensamento social, próprio da cidade. Vernant vai definir o que é contexto, não como um adorno ou o que acontece em derredor do texto. Nestas palavras:

Mas o que entendemos por contexto? Em que plano da realidade os situaremos? Como veremos suas relações com o texto? Trata-se em nossa opinião, de um contexto mental, de um universo humano de significações que é, conseqüentemente, homólogo ao próprio texto ao qual o referimos: conjunto de instrumentos verbais e intelectuais, categorias de pensamentos, tipos de raciocínios, sistemas de representações, de crenças, de valores, formas de sensibilidade, modalidade de ação do agente. (VERNANT,2005, p.5)

Vernant vai ampliar a noção comum de contexto, e sublinha que a própria tragédia é constituída por valores e um universo de significados naturais e operantes de seu tempo. Ou seja, o contexto é matéria-prima da tragédia. A tragédia não representa apenas o pensamento social da Cidade, também representa o pensamento jurídico. Por ela os tragediógrafos exprimem as controvérsias e os dilemas sociais que envolve a natureza jurídica, como é o caso do mito de Orestes pelo qual, lança a reflexão entre a misericórdia e a justiça, como é também o caso de Antígona, onde somos levados a pensar sobre a questão entre a autoridade do Rei e as tradições. Desta forma, a tragédias levam ao público elementos muito além do que simples narrações dos mitos.

Então, a personagem Antígona resolve desconsiderar a autoridade do Rei Creonte, e sepultar o cadáver de seu irmão Polinices. Com tal ato, ela não reconhece a autoridade do Rei, nestas palavras:

“ Sim, pois para mim, não foi Zeus quem a decretou, e nem Dike, a que vive entre os deuses de baixo, que deu aos homens semelhantes leis. Os teus decretos não têm o poder de obrigar um mortal a desobedecer às leis dos deuses, pois, embora não escritas, elas são poderosas e imutáveis. ” (ANTÍGONA v. 450-455)

As tradições são anteriores às leis de um rei, cujo o governo é temporal. E é a estas tradições que Antígona se submete. As tradições sobretudo, são leis divinas, de valor eterno. Antígona, então, prefere a morte, do que o tormento de deixar o cadáver de seu irmão sem sepultura. Ela colocar a leis dos homens, no caso de Creonte, como menos valor do que as leis divinas. Esta atitude de Antígona é recebida por Creonte como um gesto de desafio a sua autoridade. No decorrer da tragédia, ela vai acusa-lo de tirano, afirmando que se caso as pessoas tivessem a coragem de falar, ela não estaria sozinha.

Na antiga Grécia toda a sociedade estava ancorada por princípios religiosos. A religião ocupava lugar central na vida do homem grego, e, por conseguinte na cidade. Era pela religião que a vida cotidiana se organizava, que os homens lutavam, plantavam e colhiam. A fé e a crença eram componentes fundamentais para o espírito do homem grego. Desprezar a religião, não cumprindo os rituais necessários e sagrados, era para o grego antigo algo pior do que a morte. Nenhuma alma desejaria morrer sob tais circunstâncias. É neste mundo que Antígona se encontra, e é este dilema que Sófocles expõe em sua tragédia. As leis de um homem podem estar acima das tradições? Para a Antígona, não. O desfecho desta história se dá com a morte de Antígona, principalmente por ter se rebelado contra o poder político, o qual atribuía a si mesmo a decisão sobre a vida e a morte do cidadão. Antígona, entretanto, não se atemoriza com este poder e morre sozinha, uma vez que escolhe seguir a voz da sua consciência sobre o verdadeiro sentido e aplicação da lei humana, como subordinado à lei dos deuses.

Considerações finais

Na Grécia antiga acreditava-se que o universo fosse regido por uma ordem duradoura, descrita mediante a concepção de uma lei divina e universal que era perfeita em si mesma e a si própria se bastava enquanto lei e enquanto explicação da existência.

Toda a vida cotidiana do homem grego era respaldada nesta lei, concretizada nas tradições. A religião grega fundamenta estas tradições, de tal forma que, na visão grega de mundo religião e tradição se confundem. Todas as ações do homem grego, desde suas práticas até seus rituais, encontravam na religião, e, portanto, também na tradição, o seu eixo central.

Lendo a *Antígona* de Sófocles, destacamos um tema que é a pedra de toque da vida humana; a morte. A morte para o homem grego simbolizava um momento de passagem. Para o grego antigo a vida não terminava com a morte. Nesta passagem, a família do finado deveria submeter o cadáver à rituais sagrados, estes rituais eram como um passaporte que garantiria paz e tranquilidade a alma do morto. Estas tradições eram consideradas leis divinas.

Entretanto, um Tirano levanta-se como Rei de Tebas, Creonte. E resolve criar uma lei, pelo qual, privava do morto o ritual de acordo com os costumes, caso morresse lutando contra a Cidade. Esta lei criada por Creonte atinge a família de Antígona. A ordem de Creonte estabelece que a pessoa que descumprisse a ordem do rei e realizasse o ritual de sepultamento, também pagaria com a morte. Disposta a pagar com a própria vida, Antígona decide cumprir com as tradições, e desta maneira passa por cima das ordens do Rei de Tebas.

Consideramos que embora pagando com a própria vida, a Antígona agiu corretamente. Posto que, o valor sagrado do ritual fúnebre é importante para o homem grego, é um ritual, cujo o valor está para além da própria vida. Deixar de cumprir com as tradições, valor sagrado para o grego antigo, acarretaria sobre si, aflição e angústia. Antígona está inserida em uma sociedade que praticamente a realidade não se desvincula da religião.

É importante também entender o papel do teatro como palco para tais reflexões. O teatro representa parte de uma realidade. O teatro grego ocupava um protagonismo diante das festividades ocorridas na antiga Grécia. O espetáculo traz ao público estas questões. Além do papel político que cerca a ideia de teatro, é, portanto, um canal que leva ao grande público estas reflexões. Em um momento de passagem do tempo mítico para o crescimento da filosofia que aos poucos ocupa espaço na Grécia antiga. É o momento que se permite questionar algumas tradições. O teatro é ao seu modo, uma evidência histórica acerca dos valores éticos. O teatro é como uma forma de espelho social, e nos leva a pensar sobre nossos valores morais, em um local que a plateia

assiste suas práticas sendo representadas no palco. O teatro é uma forma de reflexão, todo reflexo é a reprodução de uma coisa. Assim é o teatro, que não existe por si mesmo, existe como reflexo do outro, ou de alguém. Assim sendo, o teatro, e o público refletem a si próprio.

Referências

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Tradução de Antônio Mattoso e Antônio Queirós Campos. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

COULANGES, Fustel de. **A cidade Antiga**. São Paulo: Editora das Américas, 1961.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

JAEGER, Werner. **Paideia: A Formação do Homem Grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SÓFOCLES. **Antígona**. São Paulo: Martin Claret, 2014

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e tragédia na Grécia Antiga**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.